



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA DE PESCA**

**CAPACITAÇÃO EM AUTO-GESTÃO DA OSTREICULTURA PARA A
COMUNIDADE DA MANGABEIRA/ EUSÉBIO-CEARÁ**

IGOR SILVA NOGUEIRA

**Monografia apresentada ao Departamento de
Engenharia de Pesca do Centro de Ciências
Agrárias da Universidade Federal do Ceará,
como parte das exigências para obtenção do
título de Engenharia de Pesca.**

**FORTALEZA – CEARÁ – BRASIL
JULHO/2007**

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Rogério César Pereira de Araujo, D.Sc.
Orientador

Prof(a) Maria Lucia de Sousa Moreira, M.Sc.
Membro

Prof. Roberto Cláudio de Almeida, D.Sc.
Membro

VISTO

Prof. Moisés Almeida de Oliveira, D.Sc.
Chefe do Departamento de Engenharia de Pesca

Prof. Raimundo Nonato Lima Conceição, D.Sc.
Coordenador do Curso de Engenharia de Pesca

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

N712c Nogueira, Igor Silva.

Capacitação em auto-gestão da ostreicultura para a comunidade da Mangabeira /
Eusébio-Ceará / Igor Silva Nogueira. – 2007.
25 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro
de Ciências Agrárias, Curso de Engenharia de Pesca, Fortaleza, 2007.

Orientação: Prof. Dr. Rogério César Pereira de Araujo.

1. Aquicultura - Brasil, Nordeste. 2. Ostreicultura - Aspectos econômicos. 3. Marisqueiras
- Aspectos econômicos. 4. Engenharia de Pesca. I. Título.

CDD 639.2

Agradecimentos

Gostaria de agradecer primeiramente aos meus familiares, que sempre me deram muito apoio em várias partes da minha vida, sendo ela ruim ou boa.

Queria agradecer em especial ao seu Iratã, meu pai que sempre esteve e está me dando apoio em tudo que preciso, e minha irmã Irla.

A minha namorada e companheira Aline, que esteve do meu lado não só dando carinho e atenção, mas me ajudou bastante a crescer na vida como homem.

Ao professor Rogério César, que me ajudou nessa fase do meu curso com a monografia, onde sou muito grato pela sua boa orientação.

Ao Maximiano Dantas, a Raquel Sabry, a professora Tereza Cristina e a todos componentes do GEMB, Regis, Tiago, Fernando e Caroline que me ajudaram bastante na conclusão do meu curso, não só com conhecimentos acadêmicos, mas também com suas experiências de vida.

A todo quadro de professores da UFC que puderam passar direta ou indiretamente seus conhecimentos acadêmicos.

Agradeço as marisqueiras do projeto de cultivo, que me deram a oportunidade de poder ensinar e aprender com suas experiências de vida e a fundação Alpha Ville pela sua ajuda estrutural.

Agradeço também a todos os amigos que pude fazer no decorrer desse curso e agradeço principalmente a Deus que pode me oferecer essa ótima oportunidade de experiência de vida e por sua glória.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS

RESUMO

	Página
1. INTRODUÇÃO	1
2. OBJETIVOS	3
3. METODOLOGIA	4
3.1. ÁREA DE ESTUDO	4
3.2. FUNDAÇÃO ALPHAVILLE	5
3.3. PROJETO DE OSTREICULTURA COMUNITÁRIA	6
3.4. ECONOMIA SOLIDÁRIA E AUTOGESTÃO	7
3.5. MÉTODO	9
3.5.1. CAPACITAÇÃO EM AUTOGESTÃO	9
3.5.2. DINÂMICAS EM GRUPO	10
3.5.3. DIAGNÓSTICO PARA AUTOGESTÃO	12
3.6. FONTE DE DADOS	12
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	12
4.1. APLICAÇÃO DAS DINÂMICAS E TEORIAS	13
4.2. DIAGNÓSTICO DOS PROBLEMAS, CAUSAS E SOLUÇÕES	19
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
6. BIBLIOGRAFIA	21

LISTA DE FIGURAS

	Páginas
Figura 1. CEAC/Fundação Alpha Ville/ Eusébio-Ceará.	5
Figura 2. Marisqueiras realizando o cultivo.	7
Figura 3. Apresentação da monografia.	13
Figura 4. Marisqueiras na dinâmica do estoura balões.	14
Figura 5. Dinâmica da teia envolvente.	15
Figura 6. Participante comentando sobre a qualidade de sua parceira.	16
Figura 7. Dinâmica do jogo dos quadrados	18
Figura 8. Apresentação conceitual sobre autogestão	18

LISTA DE TABELAS

	Páginas
Quadro 1- Matriz do Presente	19
Quadro 2- Matriz do futuro	19

RESUMO

Pesquisas sobre extensão pesqueira realizadas com famílias que vivem ao longo dos rios e que exploram os recursos pesqueiros de forma extrativista, ainda são poucas no Brasil, embora os dados obtidos permitam fazer diagnósticos das dificuldades sociais e econômicas enfrentadas por essas populações. Países que apresentam litoral, vêm cada vez mais se dedicando a apresentar alternativas viáveis como o desenvolvimento da aquíicultura, como forma de aumentar a produção e atender a crescente demanda por proteína de organismos aquáticos gerando assim renda para comunidades carentes que vivem ao longo do litoral cearense. Uma alternativa é a ostreicultura ou cultivo de ostras, que vem crescendo no Brasil a cada ano. Contudo, existe o problema da auto-gestão de projetos comunitários que é um desafio para o aproveitamento dos recursos naturais pelas comunidades tradicionais. A auto-gestão é um modelo de organização em que o relacionamento e as atividades econômicas combinam propriedade e/ou controle efetivo dos meios de produção com participação democrática da gestão. O objetivo desse trabalho foi de capacitar a comunidade em auto-gestão da ostreicultura, elaborando de forma participativa um plano de auto-gestão comunitária. Foram aplicadas dinâmicas de grupo e teorias sobre auto-gestão, cooperativismo, associativismo, economia solidária. As marisqueiras mostraram bastante interesse na capacitação, relatando suas dificuldades e tentando obter formas para poderem contornar seus problemas. O principal problema relatado por elas é a falta de compradores para o produto final do cultivo, que no caso são as ostras.

1-Introdução

Pesquisas sobre extensão pesqueira realizadas com famílias que vivem ao longo dos rios e que exploram os recursos pesqueiros de forma extrativista, ainda são poucas no Brasil, embora os dados obtidos permitam fazer diagnósticos das dificuldades sociais e econômicas enfrentadas por essas populações.

Segundo Turek e Oliveira (2003), os estoques de pescados oriundos do mar têm uma tendência de declínio. Essa tendência é resultado de um modelo de desenvolvimento que leva à sobre-exploração dos recursos pesqueiros através de técnicas predatórias e falta de fiscalização, causando desequilíbrio dos ecossistemas e prejudicando as comunidades que dependem deles para sobrevivência.

Países que possuem zona costeira vêm cada vez mais se dedicando a propor alternativas viáveis, como forma de aumentar a produção e atender a crescente demanda por proteína de organismos aquáticos gerando assim renda para comunidades carentes. Uma alternativa é a ostreicultura ou cultivo de ostras, muito difundido em países asiáticos e europeus, tais como China e Espanha. No Brasil, este tipo de atividade vem crescendo a cada ano (Plataforma do Agronegócio da Malacocultura, 2001).

Desde tempos remotos, o manguezal tem sido um dos ecossistemas mais explorados pelo homem, devido a sua riqueza em suprimento de alimentos: peixes, camarões, moluscos, caranguejos e caça, entre outros. No Brasil, inúmeros "sambaquis" (depósitos de conchas vazias), existentes em áreas de manguezal, atestam a presença humana nestes ecossistemas desde a pré-história (DUARTE, 1968).

Crassostrea rhizophorae(GUILDING, 1828), ou ostra do mangue, como é conhecida popularmente, se desenvolve bem em estuário de todo território cearense, sendo cultivado por mulheres, conhecidas como marisqueiras, que retiram basicamente quase todo sua fonte de alimento e também parcela de sua renda. A ostreicultura é uma atividade que requer baixo investimento, já que sua estrutura de cultivo utilizada (do tipo mesa) é formada apenas por madeira, sendo montada no próprio mangue, e onde o molusco cultivado irá se alimentar através dos próprios microrganismos e matéria orgânica do

manguezal, já que se trata de um animal filtrador. Sendo assim, essa atividade torna-se bastante acessível para comunidades carentes de baixo poder aquisitivo.

É importante observar que além dos fatores do ambiente natural que podem influenciar o desenvolvimento da aqüicultura, os fatores sociais, tais como os regimes legais, econômicos e culturais da comunidade também afetam significativamente o desenvolvimento deste setor.(NASCIMENTO, 2004).

Contudo, existe o problema da autogestão de projetos comunitários que é um desafio para o aproveitamento dos recursos naturais pelas comunidades tradicionais, como a continuidade da produção, falta de iniciativa do grupo para resolver os problemas comuns, falta de recursos e falta de capacidade de gerenciamento na comercialização do produto.

A auto-gestão é um modelo de organização em que o relacionamento e as atividades econômicas combinam propriedade e/ou controle efetivo dos meios de produção com participação democrática da gestão. A autogestão também significa autonomia, sendo assim as decisões e o controle pertencem aos próprios profissionais, no caso as marisqueiras, que integram diretamente o cultivo. Essas mulheres devem ter a capacidade e o poder de decisão sobre tudo o que acontece no cultivo: metas de produção, política de investimentos, modernização, gestão de pessoal, etc. Isso quer dizer que as atividades educativas e o incentivo a inteligência coletiva constituem a vida do cultivo autogestionário.

Sendo assim, existe uma grande diferença entre as empresas convencionais e as autogestionárias como:

- Ao sentir-se como proprietária coletiva do cultivo, as marisqueiras passam a assumir maiores responsabilidades e os riscos dos negócios. Sentindo-se mais importantes, e com maior auto-estima, aumentando a motivação;
- As necessidades e expectativas pessoais de cada marisqueira, como os sentimentos, sonhos e segurança futura são tratadas coletivamente e com condições de serem atendidas;
- A trabalhadora tem maior autonomia para realizar seu trabalho, fazendo-o com maior satisfação pessoal e coletiva;

- Cada dona deve conhecer a empresa na qual trabalha e ter pleno conhecimento das possibilidades e limites de seu poder de decisão.

Por tanto, a autogestão não se define apenas através de conceitos e princípios, mas sim por um movimento de construção pelo qual o trabalho e as relações entre as pessoas buscam resgatar o dimensionamento humano enquanto sujeitas que produzem e convivem. O investimento cultural é imprescindível, educar para a autogestão significa promover a inteligência coletiva das trabalhadoras. Isto quer dizer que, embora necessária, não basta ministrar informações ou capacitar para a melhoria da qualidade produtiva, é necessário trabalhar com novos valores e conceitos baseados na solidariedade, enfatizando o coletivo no lugar da competição e do individualismo. A construção da autogestão e da economia solidária pressupõe, no mínimo, coerência entre os princípios e práticas solidárias.

A comunidade de Mangabeira desde 2005, vem desenvolvendo a ostreicultura em parceria com Centro de Estudos Ambientais Costeiro (CEAC/LABOMAR-UFC) e Fundação Alpha Ville, fazendo com que as pessoas da comunidade envolvidas no cultivo possam ter ocupação e renda.

A autogestão pode ser uma forma mais eficiente das marisqueiras da Mangabeira de resolverem seus problemas, inerente ao cultivo de ostras e maximizar os lucros, se baseando nos princípios do cooperativismo e associativismo. Com isto, espera-se que a ostreicultura se torne uma alternativa sustentável e eficaz no que diz respeito à melhoria da qualidade de suas vidas, oriundas de seus trabalhos.

2-OBJETIVOS

2.1.-OBJETIVOS GERAIS

Contribuir para o fortalecimento da ostreicultura comunitária no estado do Ceará por meio de programa de capacitação em autogestão da ostreicultura.

2.2.-OBJETIVOS GERAIS

- Elaborar um plano de capacitação em autogestão da ostreicultura para a comunidade da Mangabeira-Eusébio;
- Fazer um diagnóstico dos problemas, causas e soluções para a ostreicultura na comunidade da Mangabeira.

3-METODOLOGIA

Este capítulo apresenta inicialmente a área de estudo, que é a Comunidade de Mangabeira no município de Eusébio/Ceará. Em seguida discute-se aspectos relacionados à ostreicultura comunitária, economia solidária e autogestão, como base para a elaboração do programa de capacitação em autogestão. Depois disto, o método de capacitação para autogestão é apresentado, bem como as dinâmicas de grupo a serem realizadas nas oficinas participativas. Finalmente, descreve-se as fontes de dados.

3.1.-ÁREA DE ESTUDO

EUSÉBIO E COMUNIDADE DA MANGABEIRA

O município de Eusébio está há 20 km de Fortaleza, com uma população de 39.697 habitantes, PIB de (R\$ Mil)555.676, uma área de 78km² e coordenadas 3°53'24"S e 38°27'02"W. Eusébio possui uma área com muitas lagoas, rios e açudes, com destaque para as lagoas da Precabura, Tapuio e Parnamirim e os rios Pacoti e Jacundá, onde, esses rios, sofrem influência do mar com suas marés. Próximo a capital Fortaleza, com fácil acesso através das vias, BR-116 e CE-040, e de vias municipais, Estrada do Fio e da Mangabeira, e uma boa disponibilidade de recursos hídricos faz com que Eusébio sofra uma expansão urbana, nem sempre ordenada.

A comunidade de Mangabeira(Figura1), localizada em Euzébio-CE, está situada próxima ao rio Pacoti, onde uma grande parte de sua população retira sua fonte de alimento e renda do mangue.

Comunidade da Mangabeira

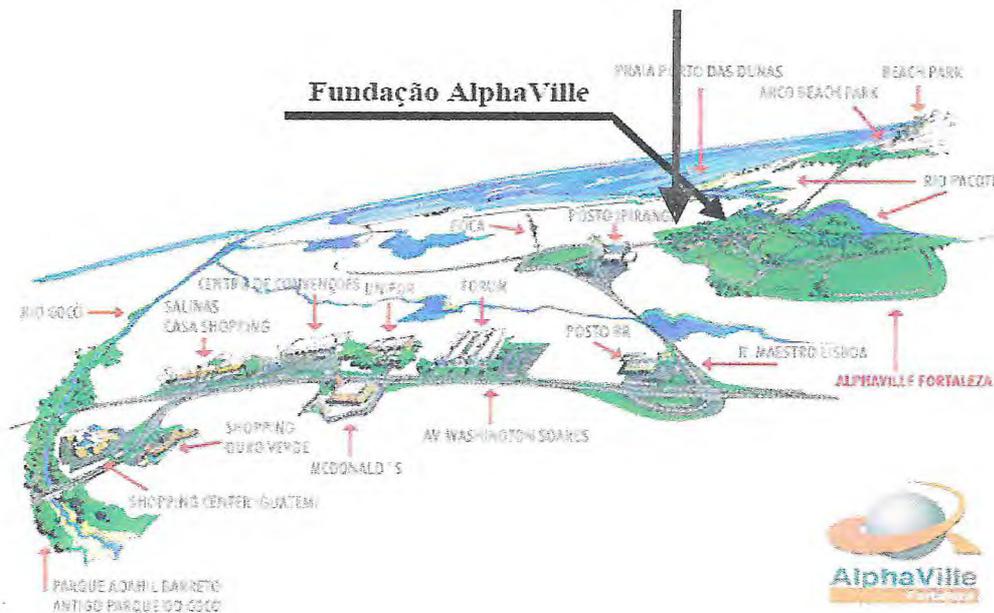


Figura 1- CEAC/Fundação Alpha Ville/ Euébio-Ceará

3.2.-FUNDAÇÃO ALPHAVILLE

O Centro de Estudos Ambientais Costeiros (CEAC) foi criado por meio de uma parceria formada entre a Fundação Alphaville de Fortaleza, Prefeitura de Eusébio, Instituto de Ciências do Mar (LABOMAR-UFC) e a Superintendência Estadual do Meio Ambiente do Ceará (SEMACE). O CEAC possui uma área de 4,4 hectares, integrado de salas, galpões e pátios cobertos, dispostos de tanques e instalações para piscicultura e carcinicultura.

O CEAC conduz em suas instalações projetos financiados pelo Ministério de Ciências e Tecnologia, Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca (SEAP) da Presidência da República, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e parcerias conveniadas.

A difusão tecnológica do cultivo de ostras é um dos vários projetos realizados pelo CEAC, que foi concebido para as comunidades próximas como uma alternativa geradora de emprego e renda, e como um meio de diminuir o impacto causado pela atividade extrativista das mesmas. Esse projeto criado

em 2005, e em seguida executado pelo Grupo de Estudos de Moluscos Bivalves (GEMB), do LABOMAR em parceria com a Fundação Alphaville.

3.3.-PROJETO DE OSTREICULTURA COMUNITÁRIA

De acordo com Poli (1999), as pesquisas sobre cultivo de ostras se iniciaram na década de 70 em diversas partes do Brasil. A partir daí, a ostreicultura vem se expandindo e hoje faz parte da realidade de vários estados brasileiros, com destaque para Santa Catarina, que é o principal produtor.

Crassostrea rhizophorae(GUILDING, 1828), ou ostra do mangue, como é conhecida popularmente, se desenvolve bem em estuários de todo território cearense, sendo cultivadas pelas marisqueiras da Mangabeira no estuário do rio Pacoti, através do projeto realizado pelo Grupo de Estudos de Moluscos Bivalves(GEMB/LABOMAR). O projeto teve início no ano de 2005, primeiro com a seleção das marisqueiras, que antes retiravam esses moluscos de forma extrativista. Posteriormente foram realizados cursos teóricos e oficinas sobre cultivo de ostras para a capacitação das marisqueiras. Após o término do curso teórico, foi escolhido um local adequado para o cultivo, onde em seguida foram montadas as estruturas de cultivo, num total de doze módulos ou mesas familiares. Por causa das características do mangue, o cultivo é realizado no sistema de mesas(Figura 2), onde as ostras são acondicionadas em travesseiros (equipamento de cultivo) com dimensões de 1m x 50cm, com tamanho de malhas que varia de 9mm a 14mm, dependendo do estágio de crescimento das ostras. Este sistema de cultivo permite explorar as áreas com variação de maré, sendo indicados para locais abrigados com profundidades de até 3m, de fundo arenoso ou areno-lodoso.



Figura 2- Marisqueiras realizando o cultivo

A produção de ostras cultivadas depende fortemente das condições ambientais da área de cultivo, ou seja, de suas características físicas, químicas, biológicas e das técnicas de manejo. Vale ressaltar que dificilmente se encontrará um local totalmente favorável ao cultivo de ostras.

Com aproximadamente sete meses de cultivo, onde foram realizados todos os manejos adequados, as ostras atingem o tamanho comercial, que varia entre seis a oito centímetros de concha, sendo aptas para comercialização.

Esse projeto tem uma duração aproximada de 7 meses, pois o cultivo não pode ser realizado nas épocas chuvosas devido as características fisiológicas da ostra, ficando assim as marisqueiras aguardando até o começo do próximo projeto.

3.4.-ECONOMIA SOLIDÁRIA E AUTOGESTÃO

ECONOMIA SOLIDARIA

É uma forma de produção, consumo e distribuição de riqueza (economia) centrada na valorização do ser humano e não do capital, de base associativista e cooperativista. É um modo específico de organização de atividade econômica, que se caracteriza pela autogestão, ou seja, pela autonomia de cada unidade ou empreendimento e pela igualdade entre seus membros. São práticas fundadas em relações de colaboração solidária, inspirada por valores culturais que colocam o ser humano como sujeito e finalidade da atividade econômica, em vez da acumulação privada de riquezas

em geral e de capital em particular. A economia solidária é fruto da organização de trabalhadores na construção de novas relações econômicas e sociais que, de imediato, propiciam a sobrevivência e a melhoria da qualidade de vida das pessoas de diferentes partes do mundo.

A economia solidária tem como princípio:

- Ética (além da legalidade);
- Eqüidade (além da igualdade);
- Alteridade (além da não-discriminação);
- Fraternidade (além da não-violência);
- Respeito a todas as formas de vida (além dos direitos humanos);
- Cooperação (além da competitividade);
- Solidariedade (além da caridade);
- Inclusão Social (além da representatividade);
- Comprometimento (além da colaboração);
- Soberania alimentar (além da segurança alimentar).

AUTOGESTÃO

A autogestão é um modelo de organização em que o relacionamento e as atividades econômicas combinam propriedade e/ou controle efetivo dos meios de produção com participação democrática da gestão. Os empreendimentos autogestionários têm como dono o próprio trabalhador. Isso faz a diferença, pois, é o trabalhador quem decide sobre sua própria vida. Esse é o grande diferencial em relação à empresa convencional, pois na autogestão:

- Ao sentir-se como proprietário(a) coletivo da empresa, o trabalhador(a) passa a assumir maiores responsabilidades e os riscos do negócio, sentindo-se mais importantes e com maior auto-estima, aumenta a motivação;
- As necessidades e expectativas pessoais de cada trabalhador(a), como os sentimentos, sonhos e segurança futura são tratadas coletivamente e com condições de serem atendidas;

- O trabalhador(a) tem maior autonomia para realizar seu trabalho, fazendo-o com maior satisfação pessoal e coletiva;
- Cada dono(a) deve conhecer a empresa na qual trabalha e ter pleno conhecimento das possibilidades e limites de seu poder de decisão.

Por tanto, a autogestão não se define apenas através de conceitos e princípios. Caracteriza-se como um movimento de construção pelo qual o trabalho e as relações entre as pessoas buscam resgatar o dimensionamento humano enquanto sujeitos que produzem e convivem. Com isso, os trabalhadores(as) podem decidir sobre tudo o que acontece na empresa: metas de produção, formas de investimento, política de pessoal, etc.

3.5-MÉTODO

Neste tópico são apresentados os métodos utilizados na capacitação em autogestão e as atividades realizadas nas dinâmicas em grupos.

3.5.1-CAPACITAÇÃO EM AUTOGESTÃO

As marisqueiras envolvidas estão participando do projeto de difusão tecnológica da ostreicultura há dois anos. Desde então, ficam na expectativa de serem orientadas não só nos aspectos relacionados a tecnologia de produção, mas também em autogestão e comercialização das ostras.

A capacitação em autogestão, de uma forma geral, tem como finalidade de dar às comunidades a oportunidade de participar no desenvolvimento das intervenções designadas para melhorar sua qualidade de vida(NASCIUTTI, 2001).

Em particular a capacitação em autogestão tem como objetivo capacitar a comunidade em autogestão da ostreicultura, elaborando de forma participativa um plano de autogestão comunitário e procurando identificar fatores limitantes à execução do plano. Desta forma a comunidade tem a oportunidade de trabalhar em regime coletivo, tendo como base o associativismo e cooperativismo.

Associativismo é qualquer iniciativa formal ou informal que reúne um grupo de pessoas ou empresas para representar e defender os interesses dos associados e estimular a melhoria técnica, profissional e social dos

associados. Por sua vez, uma associação autônoma de pessoas que se unem, voluntariamente, para satisfazer aspirações e necessidades econômicas, sociais e culturais comuns, por meio de uma empresa de propriedade coletiva e democraticamente gerida é denominada de cooperativa.

A capacitação em autogestão teve uma carga horária de 6 horas-aula, realizada nos dias 8 e 10 de maio de 2007, a qual foi programada para capacitar 19 mulheres que faziam parte do projeto de cultivo de ostras executado pelo CEAC. Os temas a serem discutidos na capacitação foram: 1) conceitos de economia solidária, autogestão, cooperativismo e associativismo; 2) dinâmicas de grupo para desenvolver a conscientização sobre formas de lideranças, união, participação, colaboração e relações interpessoais.

3.5.2-DINÂMICAS EM GRUPO

Kurt Lewin, em 1944, elaborou um artigo onde pela primeira vez se falava sobre dinâmica em grupo, em que tratava da relação entre teoria e prática em Psicologia Social. O autor procurava desenvolver uma abordagem de aprendizagem utilizando a discussão e decisão em grupo, em substituição ao método tradicional de transmissão sistemática de conhecimento.

As dinâmicas são instrumentos que estão dentro de um processo de formação e organização e possibilitam a criação e recriação do conhecimento. As dinâmicas ajudam na integração do grupo, não por meio de conceitos, idéias e teorias, mas por meio de vivências, atitudes de vida e compromissos claramente assumidos.

Os objetivos das dinâmicas de grupo podem ser resumidas, segundo Militão e Militão (1997), em:

- Desinibir a capacidade criadora dos participantes;
- Aumentar as transformações no grupo, alterando a sua produtividade;
- Aumentar a coesão do grupo;
- Proporcionar um aperfeiçoamento do trabalho coletivo, procurando atingir através dos grupos, metas socialmente desejáveis; e

- Transformar o potencial do grupo, fazendo-o crescer em igualdade harmônica de relacionamento interpessoal.

As técnicas participativas geram ainda um processo de aprendizagem libertador, uma vez que criam as condições para:

- Desenvolver um processo coletivo de discussão e reflexão;
- Ampliar o conhecimento individual, coletivo, enriquecendo seu potencial de conhecimento;
- Possibilitar a criação, formação, transformação e conhecimento, onde os participantes são sujeitos de sua elaboração e execução.

As dinâmicas de grupo são classificadas de acordo com a finalidade das vivências. Portanto, as dinâmicas podem ser classificadas em:

- **Dinâmicas quebra-gelo:** são técnicas que quebram o ambiente de seriedade do grupo, aproximam e desinibem as pessoas, preparando-as para o encontro;
- **Dinâmicas de apresentação:** são técnicas para apresentação e conhecimento imediato das pessoas do grupo;
- **Dinâmicas de integração:** são técnicas que permitem partilhar aspectos mais profundos das relações interpessoais do grupo;
- **Dinâmicas de animação e relaxamento (recreação):** têm como objetivo eliminar as tensões, procurando aliviar o cansaço, ansiedade, fadigas etc., sendo utilizado quando se necessita romper o ambiente frio, impessoal ou cansaço do grupo.
- **Dinâmicas de capacitação (aprendizagem):** são técnicas para estimular o raciocínio, exercitar a percepção, facilitar a reflexão e aprofundamento em torno de um tema/conteúdo principal da atividade;

Nesta monografia foram utilizadas as dinâmicas, de acordo com suas categorias, abaixo especificadas:

- **Dinâmicas quebra-gelo:** distribuição de bombons;
- **Dinâmicas de apresentação:** estourando os balões;

- **Dinâmicas de integração e capacitação:** cinco frases; a teia envolvente; o feixe de lenhas; o jogo dos quadrados; formas de liderança.

Todas as dinâmicas citadas acima serão discutidas e comentadas nos resultados.

3.5.3-DIAGNÓSTICO PARA AUTOGESTÃO

Após a realização das partes teóricas e das aplicações das dinâmicas, no último dia da capacitação, foi realizado o diagnóstico autogestionário que consistiu em escrever numa folha de cartolina o que seriam seus principais problemas, quais as causas, qual seria a situação desejada no cultivo e como elas poderiam solucionar esses problemas.

3.6-FONTE DE DADOS

Os dados obtidos para a realização desta monografia, foram pesquisados através de bibliografias envolvendo relatórios, dissertações, trabalhos, monografias, oriundos do LABOMAR(UFC), Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares do Ceará (UFC), de sites como Núcleo de Estudos em Economia do Meio Ambiente (NEEMA/UFC).

4-RESULTADOS E DISCUSSÃO

Será descrito a forma de apresentação dos resultados, onde teve início com a execução das dinâmicas em grupo e finalizando com a explanação de partes teóricas, que eram discutidas em seguida em grupo. No último dia, após a realização das dinâmicas e partes teóricas, foi elaborado um planejamento em autogestão. Estava previsto a presença de 19 marisqueiras, mas devido a um melhor comprometimento dessas mulheres com a capacitação, foi desenvolvida apenas com 7 pessoas.

4.1- Aplicação das dinâmicas e teorias

1º Dia (08/05/2007)

A capacitação em autogestão teve início com a apresentação do facilitador e do conteúdo que seria abordado, destacando os objetivos e metas a serem alcançados e enaltecendo a importância desse estudo para a comunidade(Figura 3).



Figura 3- Apresentação da monografia

Em seguida, foram dados início a etapa da realização das dinâmicas de grupo, que teve a seguinte ordem: o quebra-gelo, estourando os balões e teia envolvente. A dinâmica do quebra-gelo consistiu na distribuição de bombons as participantes, sendo que cada uma ao receber os bombons, se identificava falando seu nome. Essa dinâmica teve o objetivo de quebrar o clima de formalidade que foi criado com a seção de abertura. Os bombons serviram para despertar os sentimentos de alegria, informalidade e desinibição, preparando-as para as dinâmicas seguintes.

Em seguida foi realizado a dinâmica de estourar balões(Figura 4), que visava apresentar as participantes os temas a serem tratados durante a capacitação autogestionaria. Esta dinâmica também teve o objetivo de descontrair, brincar e fortalecer os elos de ligação entre as participantes. Para isto, foi entregue para cada uma das mulheres um balão contendo um papel com um tema específico. Esses balões foram amarrados à cintura das participantes com barbante. Foi solicitado a todos que tentassem estourar os

balões das outras pessoas usando apenas as mãos e, ao mesmo tempo, protegessem o seu balão de ser estourado pelas outras. Quando a dinâmica começou, algumas mulheres entraram no ritmo da dinâmica fazendo com que as outras se desinibissem também. Em seguida, cada participante leu em voz alta o tema que estava em seu balão e disse o que ela entendia daquele assunto. Os temas colocados nos balões foram os seguintes: visão do presente e futuro da comunidade, auto-estima coletiva, auto-imagem do participante, associativismo e habilidades pessoais necessárias (união, comunicação, cooperação, liderança). Observou-se que elas sabiam pouco sobre os assuntos que tinham em mãos, talvez pelo nível de escolaridade que possuíam, por isso foi dada uma breve discussão em grupo sobre os assuntos para um melhor esclarecimento dos assuntos tratados. Ao final dessa dinâmica de apresentação, as participantes passaram a se conhecer melhor e saber do que iria ser trabalhado durante a capacitação.



Figura 4- Marisqueiras na dinâmica do estoura balões

A terceira dinâmica executada foi a teia envolvente(Figura 5), sendo esta utilizada para despertar entre as participantes a noção de inter-dependência, compromisso e responsabilidade, necessárias para o sucesso da atividade associativa. Para isso, foi formado um círculo envolvendo todos os participantes. Em seguida, o facilitador expressou seu compromisso com a capacitação em posse de um rolo de barbante, onde esse rolo de barbante foi passado para outra participante que fez o mesmo, repetindo esse procedimento sucessivamente. Depois da teia formada, o facilitador comentou

sobre a semelhança das relações sociais que se estabelecem em torno do trabalho associativo, o qual exige compromisso, responsabilidade e interdependência. Ao final, deu-se espaço para uma reflexão sobre o que havia sido construído, e o que aquilo significava para o grupo e para cada uma individualmente. Elas perceberam a importância daquela dinâmica e do que estaria sendo construído por elas como união, responsabilidade, interdependência.



Figura 5- Dinâmica da teia envolvente

Terminando as dinâmicas de grupo do primeiro dia as marisqueiras estavam mais desinibidas e cientes do que seria tratado durante a capacitação. Em seguida deu-se início a apresentação sobre os aspectos conceituais. Primeiro foi apresentado o conceito de economia solidária, depois sobre associativismo e para encerrar a parte teórica falou-se sobre cooperativismo. Em seguida foi feita uma reflexão coletiva sobre os temas apresentados e o que significavam para elas. As marisqueiras demonstraram um melhor entendimento sobre a noção de cooperativismo, pois já estavam se articulando junto ao CEAC(AlphaVille), uma forma de criarem uma cooperativa, o que melhoraria significativamente a organização de seus cultivos. Percebeu-se a vontade que elas tinham de evoluir nos seus trabalhos de cultivo, tentando assimilar ao máximo o conteúdo teórico explicado, apesar de suas poucas instruções escolares.

2º Dia (10/05/2007)

No segundo dia de capacitação, foram realizadas as seguintes dinâmicas de grupo: cinco frases, feixe de lenhas e jogo dos quadrados. A dinâmica das cinco frases (Figura 6), teve como objetivo melhorar a auto-estima do grupo, fazendo com que as participantes identificassem suas próprias qualidades e compartilhassem suas descobertas com as outras. Para isto, foi pedido que as participantes caminhassem livremente pela sala e escolhesse uma pessoa para conversar entre si sobre pelo menos cinco de suas qualidades pessoais. Depois disto, foi pedido que cada participante falasse em voz alta para o grupo sobre duas de suas qualidades mais importantes. No primeiro momento, elas ficaram com um pouco de inibição, mas com um pouco de conversa, aos poucos elas foram comentando sobre a qualidade de sua parceira. Essa dinâmica evidenciou a dificuldade que as participantes tinham de falar sobre suas qualidades em público, explicando que si sentiam mais seguras comentando sobre a qualidade de outras pessoas.



Figura 6- Uma participante falando sobre a qualidade de sua parceira.

A segunda dinâmica foi a do feixe de lenhas, que tem como objetivo mostrar que a união faz a força, ou seja, o grupo trabalhando unido tem mais condições para vencer os obstáculos e resistir às dificuldades impostas pelo sistema. Essa dinâmica consistiu em entregar um feixe formado por cinco gravetos a uma das participantes, ao qual foi solicitado que tentassem quebrá-los com as mãos, o que foi possível fazer facilmente. Sucessivamente, foi

aumentando a quantidade de gravetos até o ponto em que uma participante individualmente não pudesse mais quebrá-los. Ao final, comentou-se que o feixe de gravetos representava o grupo que quando trabalhando unidas estariam mais fortes e resistentes às pressões externas e internas. Logo depois, a palavra foi passada para as marisqueiras que manifestaram suas opiniões sobre o assunto, reconheceram que realmente ficariam mais fortes trabalhando unidas.

A terceira e última dinâmica foi o jogo dos quadrados (Figura 7), que visava levar as participantes a refletirem sobre a necessidade de cooperação, comunicação clara, formas de tratamento, flexibilidade e negociação. A dinâmica consistiu em formar três grupos, aos quais foram entregues envelopes, previamente preparados, que continham peças para formar quadrados. Destes envelopes, apenas um deles continha todas as peças necessárias para formar o quadrado. As peças dos outros envelopes haviam sido embaralhadas para não permitir que um grupo isoladamente formasse o quadrado, a menos que incorresse num processo de troca de peças entre os grupos. Algumas regras foram impostas aos grupos: somente abrir os envelopes quando autorizadas; não podiam rasgar; dobrar, amassar, quebrar ou riscar nenhuma das peças. Cada grupo, inicialmente, tentou formar os quadrados com as peças disponíveis em seus envelopes, o que só foi possível no grupo de mulheres que possuíam todas as peças. Como as demais não perceberam que teriam que efetuar trocas com os outros grupos, foi feito o seguinte comunicado: “Nem sempre a solução para nossos problemas está nas nossas mãos”. Então com essa dica, elas perceberam a necessidade de recorrer aos outros grupos para trocar as peças que faltavam para formarem seus quadrados.



Figura 7- Dinâmica do jogo dos Quadrado

Em seguida, comecei a apresentação conceitual(Figura 8), dando uma maior ênfase aos princípios de auto-gestão. Foi dado espaço necessário para elas poderem refletir e discuti em grupo, expressando suas opiniões. As marisqueiras ao mesmo tempo mostraram muito interesse nessa parte, principalmente de serem realmente donas, mas também mostraram bastante inexperiência em alguns aspectos, em especial no que diz respeito a conduzirem sozinhas seus cultivos, bem como a venda de seus produtos.

Foi discutido sobre as quatro formas de lideranças: Líder autocrático, paternalista, liberal e democrático. A liderança democrática foi escolhida por elas como a melhor forma de liderança, sendo também escolhida por elas, uma das mulheres que mais se encaixava nesse perfil. O segundo dia de capacitação foi dado continuidade com a atividade de planejamento de autogestão, descrito na seção seguinte.



Figura 8- Apresentação conceitual sobre autogestão

4.2-DIAGNÓSTICO DOS PROBLEMAS, CAUSAS E SOLUÇÕES

Os quadros 1 e 2 apresentaram respectivamente a matriz do presente e a do futuro para a ostricultura comunitária em Mangabeira.

Problemas	Causas
1)Falta de compradores de ostras cultivadas	Baixo preço de ostras do extrativismo
2)Roubo de travesseiros	Falta de segurança
3)Falta de parcerias para o cultivo	Falta de um melhor divulgação do projeto

Quadro 1-Matriz do presente

As marisqueiras apontaram que seus principais problemas eram a falta de compradores, roubos de travesseiros acontecidos no decorrer do cultivo e falta de parcerias que ajudassem em um melhor desenvolvimento do cultivo, sendo esses três problemas um agravante para desestimular o grupo. Maior ênfase foi dada à falta de compradores. Isto devido à existência da atividade extrativista, que oferece ostras a um preço mais abaixo que o cultivado, embora em alguns casos seja prejudicial à natureza. Para o problema de roubos de travesseiros, foi comentada a falta de segurança no local de cultivo durante a noite. Em relação a falta de parcerias, este problema pode ser causado pela inexistência de uma melhor divulgação desse projeto.

Situação desejada	Soluções
1)Existência de compradores	Controle do extrativismo
2)Contratação de vigilante	Pagamento com a venda das ostras
3)Existência de parcerias	Criação de cooperativa, Parceria com o governo

Quadro 2-Matriz do futuro

Sobre a situação desejada para o desenvolvimento da ostricultura, as marisqueiras apontaram à existência de compradores, garantindo assim uma renda que viabilizaria o escoamento da produção. Isto possibilitaria a contratação de vigilantes, pelo menos nas marés vazantes durante o período

noturno quando ocorrem os roubos. A melhoria da situação financeira do projeto poderia dar condições de obtenção de crédito, fomentando assim as parcerias, e promovendo uma maior estabilidade na produção. Outra alternativa apontada foi um maior controle das ostras capturadas de forma extrativista.

Dantas Neto(2001) afirma que a atividade extrativista no estuário é arriscada (devido às características intrínsecas do ambiente de manguezal) e degradadora, já que ao se retirar ostras do mangue, há um corte das raízes que sustentam a vegetação e servem de refúgio para várias espécies da fauna estuarina. Outro fator é a presença de atravessadores que compram essas ostras, que no caso é o Chico do Caranguejo, e vendem por um preço abaixo no mercado.

As marisqueiras estão na eminência de começarem uma cooperativa e procurando órgãos públicos como parceiros para uma melhor divulgação, tentando assim ter êxito nas vendas das ostras.

5-Considerações Finais

- As marisqueiras envolvidas no processo de aprendizagem mostraram bastante interesse no decorrer da capacitação;
- Passaram a ter uma melhor visão sobre trabalhos em equipe, economia solidária, cooperativismo, associativismo e auto-gestão;
- O principal problema, segundo as marisqueiras, enfrentado por elas é a falta de compradores para as ostras;
- Projetos visando a continuidade e acompanhamento desse cultivo devem ser incentivados e realizados para se obter melhores resultados na área autogestionária.

6-Bibliografia

DANTAS NETO, M. P. **A ostreicultura como atividade sustentável em Fortim-Ce.** Dissertação de Mestrado. PRODEMA/UFC, 2001.

DUARTE, P. **O sambaqui visto através de alguns sambaquis.** In: Pré-história Brasileira. Instituto de Pré-história da Universidade de São Paulo, 1968.

NOMURA, H. **Criação de moluscos e crustáceos.** Ed. Nobel; 1978, 102p.

POLI, C.R. **O cultivo de ostras no Brasil.** In: Cultivo de moluscos marinhos. Parte 1- Cultivo de ostras. LCMM/UFSC- Laboratório de Cultivo de Moluscos Marinhos/ Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 2-12, 1999.

PROENÇA, C.E.M., AVELAR, J.C., OLIVEIRA NETO, F.M. **Plataforma do Agronegócio da Malacocultura.** CNPQ, DPA/ MAPA. Brasília, 2001.

MILITÃO, A.; MILITÃO, R. **S.O.S. Dinâmicas de Grupo.** 1ª. Edição, Fortaleza: Gráfica LCR, 1997. 115-116 p.

NASCIMENTO, S. C. O. do. **Diagnóstico Socioeconômico de Comunidades Litorâneas, com Potencial para a ostreicultura no Ceará.** Departamento de Engenharia de Pesca, Universidade Federal do Ceará, 2004.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia e sustentabilidade: base conceitual para uma nova extensão rural.** Botucatu, São Paulo, jul. 2001.

NASCIUTTI, Jacyara C. Rochael. **Participação comunitária para uma melhor qualidade de vida.** Programa EICOS/Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

XAVIER, Simón Fernández; DOLORES, Dominguez Garcia. **Desenvolvimento rural sustentável: uma perspectiva agroecológica.** *Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, Porto Alegre, v.2, n.2, abr./jun. 2001.

TUREK, C. R.; OLIVEIRA, T. N. de. **Sustentabilidade Ambiental e Maricultura.** Universidade da Região de Joinville- UNIVILLE. 2003. (Publicação).